



Contemporânea

Contemporary Journal

1(2): 21-33, 2021

ISSN: 2447-0961

Artigo

INVENTANDO O PAÍS QUE A GENTE QUER, DESENHANDO A IMAGEM QUE PODE SER: A ESPERANÇA EM PAULO FREIRE FRENTE À DISTOPIA

INVENTING THE COUNTRY WE WANT, DRAWING
THE IMAGE THAT IT CAN BE: HOPE IN PAULO
FREIRE FACE OF DYSTOPIA

Recebimento do original: 28/10/2021
Aceitação para publicação: 26/11/2021

Yago Felipe Campelo de Lima

Graduado em História – FAFICA/PE. Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Professor substituto do Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG. E-mail: yagocampelo@gmail.com

RESUMO: Esta breve, e convidativa comunicação, é o resultado da nossa participação no *Congresso Paulo Freire - 100 Anos de Educação Libertadora*, compartilhada originalmente na palestra: Um Filósofo e Uma Pedagogia da Esperança em Tempos Distópicos. Através das reflexões teórico-filosófico-pedagógicas de Paulo Freire - Patrono da Educação Brasileira -, buscamos pensar a partir da categoria da *esperança* presente em sua obra, nossa(s) postura(s) como sujeitos históricos de relação permanente *com* o mundo, frente às realidades distópicas, frente ao Brasil da atualidade. Em tese, este texto é um convite a esperarmos, no sentido freireano do termo, em tempos tão incertos e sombrios.



PALAVRAS - CHAVE: Paulo Freire, Esperança, Utopia, Distopia.

ABSTRACT: This brief, and inviting communication, is the result of our participation in the Paulo Freire Congress - 100 Years of Liberating Education, originally shared in the lecture: A Philosopher and A Pedagogy of Hope in Dystopian Times. Through the theoretical-philosophical-pedagogical reflections of Paulo Freire - Patron of Brazilian Education -, we seek to think from the category of hope present in his work, our posture(s) as historical subjects of permanent relationship with the world, front to dystopian realities, facing Brazil today. In theory, this text is an invitation to hope, in the Freirean sense of the term, in such uncertain and dark times.

KEY WORDS: Paulo Freire, Hope, Utopia, Dystopia.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O Brasil dos últimos anos tem-se apresentado para nós, como um país sem futuro - futuro em seus múltiplos sentidos – ou, como aquele que continuará sendo um eterno **Cemitério de Esperanças**, como pensou o historiador e escritor estadunidense Benjamin Moser (Moser, 2016).

Diante do vivido, desde o Golpe de 2016, é como se sobre nossa *pátria amada Brasil*, Pandora estivesse aberto a caixa de horrores, enviada pelos deuses para nos punir, tal como no mito grego, não nos restando quase nada de bom, do que é belo, do que é louvável.

Talvez seja por isso, que **62%** dos jovens brasileiros já em 2018 afirmavam que se pudessem, deixariam o país. Assim como os



56% dos adultos com Ensino Superior¹, que **desesperançados** iriam para o exílio voluntário, para fugir deste país que sepulta sonhos. Diariamente.

Levando-se em consideração os últimos anos no país, o atual governo brasileiro e seu *modus operandis*, o amargor de nossa gente, e a institucionalização da barbárie como agenda de administração; a constatação do historiador Benjamin Moser de que “**o Brasil é um dos lugares mais tristes que há**”, se torna quase incontestável (Moser, 2016:24).

Entretanto, contudo, porém, e felizmente, este aqui e este agora **não é o fim do Brasil**. Nem de nossa História. Nem de nossos sonhos democráticos de transformação desse gigante, por ora anestesiado. E o mais importante: não é ainda o fim da **esperança** entre nós, pois “não há sina nem fado em nada a que se remeta a natureza humana, como em nada nela anunciado” (FREIRE, 2019: 50).

“A distopia não é o fim do mundo, nem o fim da história, porque a história é sempre um vir a ser e o mundo é sempre um porvir” (PEREIRA, 2021: 133). É porque não há futuro, nem presente dado, pronto e acabado, prescrito a nós como pensou o filósofo e educador Paulo Freire, que um outro amanhã entre nós se torna possível, e a **esperança como exigência e necessidade ontológica**² no humano persiste em nosso meio, entre nossas ideias, entre nossas representações que conferem sentido ao mundo.

¹Ver Matéria: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/se-pudessem-62-dos-jovens-brasileiros-iriam-embora-do-pais.shtml>.

²Sobre Esperança como exigência e necessidade ontológica no humano, ver: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 32ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 21ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do**



A esperança como exigência e necessidade ontológica em nós, sujeitos históricos, de relação **com o mundo**, e não só de contatos, nas palavras de Freire, é um dos combustíveis indispensáveis para a realização de nossas utopias exequíveis. Que não é um delírio, ou da ordem do fabuloso e do divino, como supõem os não avisados da ideia de utopia.

Perceba que a **Utopia** é invenção/(cri)ação unicamente humana. Ela parte de nossa capacidade criativa de projetar outras realidades para o vivido, frente ao vivido, porque a que está posta incomoda/atormenta/desalenta. Ela, a utopia, é ainda aquele **não lugar**. Por enquanto. Por ora. Não só em seu sentido etimológico grego, como histórico.

Interessante é constatar como Paulo Freire (2019:47) afirma em seu *À Sombra Desta Mangueira*: “transformando em sonho possível, em utopia.” A utopia em Freire é sonho possível. Não é entendida como antônimo de realidade. Antes, é a capacidade de nos fazer enxergar outro país, outro Brasil, outras formas de sermos brasileiros(as).

É a força que nos empurra continuamente para este outro **não lugar**, ainda inexistente, mas possível de realização, que recusa este hoje sombrio, e jamais desiste da **desproblematização** do futuro, nem do que está posto.

Isto porque a desproblematização do futuro, “numa compreensão mecanicista da história, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da

Oprimido. 58ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.



utopia, da esperança” (FREIRE, 2016: 64). Portanto, necessário se faz não esquecermos que “o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2016: 65).

É por isso, que a utopia supõe e propõe uma vontade de construir algo diante desta realidade. É a criação de um novo mundo, supondo outra coisa, uma história alternativa, um homem e uma mulher diferentes. É aí que se encontra o elemento essencialmente político da utopia, como nos relembra a professora e historiadora brasileira Heloisa Murgel Starling, em uma de suas aulas na pós-graduação do departamento de História da UFMG – FAFICH, no ano de 2021.

Contudo, se faz necessário ter em mente o Brasil que desejamos no hoje e no amanhã, porque “sem o vislumbre sequer de amanhã se torna impossível a esperança” (FREIRE, 2019: 52). A esperança “é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto.” (FREIRE, 2011: 70-71).

Daí a **desesperança** ser alimento sólido para os dominadores continuarem exercendo a dominação arbitrariamente, sobre todos e tudo. Sobre **o ser das gentes**, impedindo-as de **ser mais**³, como propusera o patrono da Educação brasileira, Paulo Freire.

Sendo assim a esperança “é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado, e não pré-dado” (FREIRE, 2011: 71). E mais, “a inexorabilidade do futuro é a negação da história” (FREIRE, 2011: 71), e a morte das utopias.

³ Sobre **Ser Mais**, indico a leitura de: FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 44ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.



Para que(m) é interessante a ideia da “morte” das utopias? Talvez, seja interessante pensar.

A **desesperança** perante o vivido, frente ao histórico, é o aborto da ação, ou das ações que nos impulsionam em direção à anunciação deste outro mundo, deste outro Brasil que desejamos. É atitude cômoda para os dominadores.

Ela, a desesperança, é o combustível perfeito para a perpetuação e dominação dos estabelecidos, da opressão, e a manutenção de uma série de coisas entre nós. Destas, por exemplo, que têm destruído secular e continuamente nossa vontade histórica por **Democracia**, ou de um país minimamente civilizado. “Tanto menos esperança para os oprimidos, mais paz para os opressores” (FREIRE, 2019: 51).

Por isso, acreditamos que a esperança como necessidade ontológica, nos possibilita a continuação de nossa caminhada incisiva em busca desse outro jeito de fazer e ser Brasil, nos mantém viva a ideia da Utopia, como possibilidade(s).

Num ato de “**inventar o país que você quer... Desenhando a imagem do país que pode ser**”, como pensou Darcy Ribeiro, em seu clássico debate com Rubem Alves em 1995, em entrevista à TVPUC-SP. Se assim, coletivamente, não fizermos insistentemente, quem fará? Quando este país outro existirá como realidade concreta?

Sendo assim, “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir dele novo pronunciar” (FREIRE, 2014: 108). Porque não é no silêncio - ou na falsa ideologia da **neutralidade** tão em voga entre os covardes - “que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-



reflexão” (FREIRE, 2014: 108), na luta consciente, bondosa e humana, não arrogante e incoerente, na resistência ao reacionarismo que tenta sufocar e matar as utopias. Na resistência epistemológica também.

Este *pronunciar* o mundo é de suma importância em Freire, e em nós. Palavra e mundo, mundo e palavra, escrevendo outras Histórias, trazendo à tona outras linguagens. Linguagens que libertadoras reescrevam o próprio mundo, conferindo-lhe sentidos novos, como pensou o filósofo francês Michel Foucault e o historiador Roger Chartier (FOUCAULT, 2014).

Palavra que num **dizer** verdadeiro - “porque o dito é da ordem do ordinário, o dizer é da ordem do *ethos*, do bem conduzir a existência”⁴ - emancipe, liberte, conscientize, e humanize os humanos em sua permanente relação com o mundo.

Uma palavra verdadeira que possibilite aos oprimidos(as) perceberem a condição de opressão que se impõe, despertando-lhes um tal gosto pela liberdade, que por ela lutem, e a conquistem, não como concessão dos poderosos, mas como um direito humano, logo histórico, tão indispensável à existência.

Neste sentido, evoco os versos do Padre Paulo Gabriel (2020: 44), em seu poema **Silêncio Agora é Covardia**: “*a palavra é chama quando arde no coração dos excluídos. É caminho se arrebenta o muro. É alicerce se sustenta a utopia. A palavra é fogo quando derruba o opressor*”.

⁴Sobre **dito** e **dizer**, ver esta reflexão aprofundada da Dra. Auricélia Lopes Pereira In: PEREIRA, Auricélia Lopes. **Boa tarde às Pessoas Aqui em Baixo**. In: ADILSON FILHO, José. (org). **O Brasil em Tempos Sombrios**. São Paulo: Editora Liber Ars, 2020, p. 122.



Ainda sobre a palavra, Freire nos relembra (2014: 107): “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”, para que esta não se torne apenas vocábulo alienado e alienante.

Desenhando e executando através de ações viáveis e objetivas, em condições historicamente favoráveis um novo país, que parirá, conseqüentemente, uma nova gente. Uma gente mais humana⁵, mais **gentificada** como pensou Freire.

Uma gente que estará a serviço da boniteza de *ser* eticamente no mundo. Gente esta que não exaltará a tortura nem a morte, por exemplo, e não será por isso, jamais, chamado de “mito”, nem terá a oportunidade de conduzir o Brasil mais uma vez.

Precisamos de uma sociedade nova, para que não venhamos a repetir a deprimente constatação do professor e psicanalista brasileiro Rubem Alves em 1995, a de que não vemos aqui, em nossa terra, “**sonhos fundamentais sendo articulados**”.

Nesta empreitada, a Educação⁶ é peça chave. Fundamental. Sem ela, muito dificilmente esta tarefa se fará. O trabalho é longo, secular talvez, árduo, porém necessário, isto é, se apesar dos pesares de nosso tempo, ainda sonharmos com outros Brasis. Esse outro tem que ser diferente axiomaticamente deste que temos experimentado.

Esta Educação, “não podendo jamais ser neutra, tanto pode estar a serviço da decisão, da transformação do mundo, da inserção crítica nele, quanto a serviço da imobilização, da permanência

⁵Sobre a ideia de “**fabricar humanidade**”, sugiro como leitura as reflexões e proposituras do filósofo espanhol **Fernando Savater** *In*: PRELAC – Projeto Regional de Educação para a América Latina e o Caribe. Nº2/Fevereiro de 2006.

⁶Ver estas propostas e proposituras de Educação em: ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.



possível das estruturas injustas, da acomodação dos seres humanos à realidade tida como intocável” (FREIRE, 2016: 66-67).

Lanço a vocês todos(as) alguns questionamentos.

Que proposta(s) de Educação nossas licenciaturas espalhadas por todo o país têm oferecido aos seus licenciandos(as) que “formarão gente”, em breve? Será o modismo do “novo” que está cheio do velho que tem nos impedido de *ser mais*, mascarado pelas ideologias sutis do neoliberalismo, que nos faz repetir suas intenções sem nem nos darmos conta?

Será a oferta de professores(as) que apenas cumprem seu dever necessário e obrigatório, porque desconhecem o ser docente, o *ser educador(a)*? Professor(a) é função, é posto, ocupação, **educador(a) é ser!**

Para tal mudança de posturas e distorções do real, é necessária axiomáticamente, uma mudança profunda de *representações* que venham (re)compor o nosso *imaginário* social, como nos aponta o historiador francês Jacques Le Goff, quando refleti sobre o imaginário. Mas, uma mudança de representação sobre o que?

Uma mudança de *representações* sobre o que é Educação e sua finalidade entre nós; sobre como melhor preparar professores(as) para o exercício da docência, sobre a própria figura do docente na sociedade, e a natureza de seu fazer profissional. Sobre o **comprometimento**, ato puro e unicamente humano, já refletido por Freire em Educação e Mudança. Sobre a Escola, sobre nossas Universidades e seu papel social, sobre o Brasil, sobre a nossa Democracia. Sobre esta última, intensa, contínua e permanentemente. Sem jamais dela descuidar. No descuido, os riscos.



As nossas licenciaturas têm dado conta desta tarefa? Deixo-lhes o questionamento.

Neste aspecto, Paulo Freire me fascina e encanta. E me surpreende também. Encanta-me porque sua proposta pedagógica, de libertação e autonomia, aparentemente “velha” anuncia(va) o novo que o Brasil precisa, desde meados do século XX. Não tem cessado de anunciar.

Sua compreensão político-pedagógico-filosófica como gostava de definir suas ideias, aponta(va) para nossa superação e mudança, por meio da prática educativa, que é política. Apontava-nos para outra direção, para a emergência de um outro Brasil que é possível.

Enquanto isso, as “pedagogias novas” seguem instituindo e fortalecendo o velho, embora, se julguem vanguardas. Estas “pedagogias” da moda (competências socioemocionais, projeto de vida, pro-atividade, da autonomia sem responsabilidade, da meritocracia como lema de educação, das metas e dos sistemas) seguem recheadas do profundo **medo da liberdade**, da emancipação crítica dos cidadãos(ãs) brasileiros(as), por isso, tentam a todo custo a manutenção do *status quo* vigente por meio da Educação.

Nisto sua pedagogia se faz universal, pois aponta para esta constante luta de classes existente em nossos sistemas educacionais, e através de nossos sistemas educacionais, lutando dentro deles, para instituir *reais*, reais que tanto podem está à serviço da mudança como da manutenção da “*ordem natural e divina das coisas*” no mundo, negando a historicidade dos processos humanos, e subestimando a capacidade de pensar e questionar da massa.



A ideologia, nisto é poderosa. E sutil. Pois, quando não identificada e refletida com clareza, consegue ofuscar o real, camuflando-o, dificultando o pensamento livre e questionador, o pensamento autônomo, que como *lei de si*, em seu sentido etimológico, permita aos indivíduos em sociedade serem guiados *per si*, e não apenas pelo poderoso peso das ideologias.

Fica o questionamento: “em tempos de distopia, a pergunta está posta para ti: queres este mundo que aí está, violento, sem magia, doente, sem erotismo? Ou tuas ações e palavras garantirão uma narrativa que aponte para uma heterotopia, uma eutopia ou mesmo uma utopia, desde que teus olhos continuem brilhando e anunciando que mundos melhores e pessoas melhores continuam aqui?” (PEREIRA, 2021: 134).

Ou escolheremos a luta por “outra vontade diferente: a de mudar o mundo, não importando que esta briga dure um tempo tão prolongado, que, às vezes, nela sucumbam gerações”, como pensou Paulo Freire?

Por isso, nos alerta Walter Benjamin (2012: 244) **“o dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que tampouco os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”**

Ah, não nos esqueçamos: quando Pandora assustada fechou a caixa dos horrores, sobrou-lhe a **Esperança!** A esperança é combustível para a luta. Cabíveis aqui nos são as constatações de Glauber Rocha em seu filme Terra em Transe de 1967, através de seus personagens: **“não se muda a história com lágrimas [...] a gente tem que gritar com o que sobrar da gente”**.



Se não correremos, corremos o risco de perdermos o pouco que historicamente, já conquistamos. Por isso, precisamos prosseguir com esperança e em marcha. Marcha solidária, bondosa, e, sobretudo, democrática, substancialmente democrática.

“Mudar o mundo deve ser sempre a nossa profissão de fé, a própria razão para existirmos e nos lançarmos a uma luta árdua e permanente, da qual não poderemos jamais descansar”, como já afirmara o ex-presidente Lula no Seminário Cooperação Multilateral e Recuperação Regional Pós-Covid – 19, na Espanha, em 2021.

Gritando até que um dia nossa fé seja inabalável e sólida. **“Qual fé? A fé na democracia. Qual democracia? A democracia como ideal de igualdade e tarefa de justiça”**, como pensou o filósofo italiano Norberto Bobbio (2014:41).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. (2021) **Educação e Emancipação**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

BENJAMIN, Walter. (2012). **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense.

BENTIVOGLIO, Julio. **O Futuro das Utopias e das Distopias em Tempos Presentistas**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 46, p. 390-404, set./dez. 2020.

BOBBIO, Norberto. (2014). **Qual Democracia?** São Paulo: Edições Loyola.



FOUCAULT, Michel. (2014). **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 24ª Ed. São Paulo: Edições Loyola.

FREIRE, Paulo. (2010). **Educação e Mudança.** 32ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2011). **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2014). **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 21ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2014). **Pedagogia do Oprimido.** 58ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2016). **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2018). **Educação Como Prática da Liberdade.** 44ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2019). **À Sombra Desta Mangueira.** 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GABRIEL, Paulo. (2020). **Poemas Para Iluminar a Noite.** Belo Horizonte: Mazza Edições.

MOSER, Benjamin. (2016). **Cemitério da Esperança.** In: **Autoimperialismo: Três Ensaios Sobre o Brasil.** 1ª Ed. São Paulo: Planeta.

PEREIRA, Auricélia Lopes. (2020). **Boa tarde às Pessoas Aqui em Baixo.** In: ADILSON FILHO, José. (org). **O Brasil em Tempos Sombrios.** São Paulo: Editora Liber Ars.